

Existencialismo Metafísico

3 – A Ordem Mitológica

Os primeiros humanos, conhecidos como caçadores e coletores, sobreviviam da caça e da coleta de frutos. Apesar da simplicidade econômica, isso não limitava seu pensamento ou sua espiritualidade. Para eles, quase tudo possuía uma alma ou espírito: rios, árvores, montanhas e até rochas eram animados da mesma forma que humanos e animais. Esse conjunto de crenças é denominado animismo pelos antropólogos e inclui a veneração de ancestrais e a crença em seres espirituais. Até hoje, tribos aborígenes e indígenas brasileiras mantêm concepções similares.

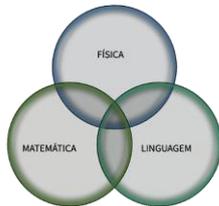
Cada tribo desenvolveu sua própria variação do animismo, transformando-o em uma crença praticamente universal. Para os animistas, não há barreira entre o mundo físico e o espiritual, e plantas, danças, músicas e rituais servem como meios de interação entre esses dois domínios. Embora cada grupo tenha suas particularidades, a crença em um mundo metafísico conectado ao mundo material é comum a todas.

A origem dessas crenças permanece incerta, mas há indícios de que estejam relacionadas ao surgimento da linguagem. Alguns estudiosos argumentam que a linguagem apareceu há algumas dezenas de milhares de anos, com os *Homo sapiens*, enquanto outros defendem que surgiu há mais de um milhão de anos, com o *Homo erectus*, que teria criado símbolos e formas rudimentares de comunicação. Independentemente dessa divergência, tanto a linguagem quanto as crenças animistas desempenharam um papel essencial na organização da existência humana.

A linguagem diferencia os humanos dos demais animais. Embora todas as espécies se comuniquem, a comunicação animal se restringe a necessidades imediatas, como alimentação e sobrevivência. Os animais vivem presos ao presente e não possuem a capacidade de expressar acontecimentos passados ou projeções futuras. Já a linguagem humana, com sua capacidade de flexionar verbos e estruturar narrativas, rompe essa limitação e permite a construção de um mundo simbólico.

Assim como o animismo, a linguagem também é metafísica, pois não possui forma material. Ela não é um instinto nem está geneticamente programada, mas sim aprendida. Além de facilitar a comunicação, a linguagem promove a coesão social, permitindo a transmissão de narrativas, lendas e mitos. A cooperação social, por sua vez, foi fundamental para a sobrevivência e reprodução da espécie humana. Com o desenvolvimento das linguagens, as crenças animistas evoluíram para mitologias orais, que mais tarde foram incorporadas por religiões organizadas.

A mitologia hebraica, por exemplo, estabeleceu a aliança entre Jeová e o povo judeu, um vínculo político-religioso que influenciou diretamente o cristianismo e o islamismo. Essas religiões compartilham a crença em um Criador único, identificado como Deus, Alá ou Jeová. No entanto, esse monoteísmo trouxe um forte viés exclusivista, pois as religiões monoteístas tendem a se considerar as únicas detentoras da verdade.



Existencialismo Metafísico

Ao longo da história, diferentes culturas criaram mitologias em que seus deuses possuíam características humanas e interagiam com os homens em tramas repletas de conflitos, ciúmes e paixões. Muitos desses deuses foram esquecidos ou abolidos, mas Javé, o Deus bíblico, permaneceu, moldado por acontecimentos históricos, políticos e mitológicos.

Com o tempo, o avanço do conhecimento fez com que os campos do saber se desvinculassem das religiões. A filosofia apontou que os deuses eram projeções dos defeitos humanos; a história, a arqueologia e a filologia demonstraram que os textos sagrados não eram revelações divinas, mas sim uma fusão de narrativas de diversas culturas. A geologia provou que a Terra tem milhões de anos, enquanto a astrofísica estendeu essa escala para bilhões. O evolucionismo desafiou a visão criacionista, e a astronomia retirou a Terra do centro do universo. Apesar disso, a arte, mesmo se emancipando das religiões, ainda mantém um diálogo com elas – seja por meio da arte sacra ou da crítica às concepções teológicas.

Religiões costumam promover divisões entre os homens, pois cada uma acredita deter a verdade e enxerga as demais como ameaças. No entanto, todas compartilham a crença em um ser superior e na imortalidade da alma. Divergem, porém, em detalhes doutrinários, muitas vezes motivados pelo orgulho e pelo exclusivismo.

O Direito, assim como a ciência, demonstra que muitas das chamadas leis divinas são, na verdade, princípios sociais universais. Normas como "não matarás" e "não furtarás" já existiam entre os povos primitivos, pois eram essenciais para a sobrevivência coletiva. Não era necessário que Deus escrevesse essas leis em pedra, pois elas emergiam naturalmente da convivência humana.

A ciência frequentemente atribui a origem do animismo ao medo. No entanto, nem todos os que sentem medo são religiosos. Alguns pesquisadores sugerem que o espiritualismo humano pode ser resultado de alucinações e estados de transe, mas essas experiências envolvem a consciência, algo ainda pouco compreendido. Atribuir um fenômeno tão universal a mero erro parece simplista.

Em suma, tanto o animismo quanto a mitologia baseiam-se na interação entre o mundo físico e o metafísico. A mitologia hebraica, apesar de ter assimilado influências de diversas culturas, tornou-se predominante e se espalhou pelo mundo. Hoje, três grandes religiões propagam essa tradição, sendo que o cristianismo e o islamismo representam mais da metade da população mundial.